

FÁBRICA DE CONTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SILVIA HUNOLD LARA (coordenadora)

ALCIR PÉCORÁ – CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA

MARGARIDA DE SOUZA NEVES – SUEANN CAULFIELD

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

SIDNEY CHALHOUB – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA

ROBERT WAYNE ANDREW SLENES – MICHAEL HALL

JEFFERSON CANO – FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA

Consultoria deste volume

TANIA REGINA DE LUCA – ZEPHYR FRANK

Daniela Magalhães da Silveira

FÁBRICA DE CONTOS
CIÊNCIA E LITERATURA EM MACHADO DE ASSIS

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Si39f Silveira, Daniela Magalhães da.
Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis / Daniela Magalhães da Silveira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Assis, Machado de, 1839-1908 – Crítica e interpretação. 2. Contos brasileiros.
3. Literatura brasileira – História e crítica. 4. Imprensa – Brasil. 5. Literatura e ciência. I. Título.

CDD B869.09
B869.341
079.81
809.93331

ISBN 978-85-268-0903-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Assis, Machado de, 1839-1908 – Crítica e interpretação	B869.09
2. Contos brasileiros	B869.341
3. Literatura brasileira – História e crítica	B869.09
4. Imprensa – Brasil	079.81
5. Literatura e ciência	809.93331

Copyright © by Daniela Magalhães da Silveira

Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A Coleção Várias Histórias divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – Elciene Azevedo. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – Joseli Maria Nunes Mendonça. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – Fernando Antonio Mencarelli. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – Wlamyra Ribeiro de Albuquerque. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – Sueann Caulfield. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – Jaime Rodrigues. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – Carlos Eugênio Líbano Soares. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – Eduardo Spiller Pena. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – João Paulo Coelho de Souza Rodrigues. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – Alexandre Lazzari. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – Magda Ricci. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – Gabriela dos Reis Sampaio. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – Maria Clementina Pereira Cunha (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – Silvia Cristina Martins de Souza. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – Sidney Chalhoub, Vera Regina Beltrão Marques, Gabriela dos Reis Sampaio e Carlos Roberto Galvão Sobrinho (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – Liane Maria Bertucci. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – Paulo Pinheiro Machado. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – Claudio H. M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – Tiago de Melo Gomes. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – Edilene Toledo. *Travessias revolucionárias. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – Silvia Hunold Lara e Joseli Maria Nunes Mendonça (orgs.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – Walter Fraga Filho. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – Joseli Maria Nunes Mendonça. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.

- 25 – Valéria Lima. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.
- 26 – Larissa Viana. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*.
- 27 – Fabiane Popinigis. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.
- 28 – Eneida Maria Mercadante Sela. *Modos de ser, modos de ver: viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- 29 – Marcelo Balaban. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*.
- 30 – Vitor Wagner Neto de Oliveira. *Nas águas do Prata: os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)*.
- 31 – Elciene Azevedo, Jefferson Cano, Maria Clementina Pereira Cunha, Sidney Chalhoub (orgs.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*.
- 32 – Elciene Azevedo. *O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo*.
- 33 – Daniela Magalhães da Silveira. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*.

*Para os meus pais,
José Augusto e
Maria Sônia*

AGRADECIMENTOS

A tese que originou este livro foi elaborada entre 2005 e 2009. Ao longo desses quatro anos, contei com o carinho e a atenção de diversas pessoas. Agradeço primeiro ao CNPq, pela concessão de uma bolsa de doutorado, o que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, as viagens para apresentação em simpósios e a compra de material bibliográfico. Sou grata também aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) e a todos aqueles que contribuem para o seu funcionamento, comprando e doando microfiches e máquinas modernas, fundamentais para a qualidade dos trabalhos de alunos da Unicamp e de outras universidades.

Ao professor Sidney Chalhoub, meu querido mestre, agradeço a confiança desconfiada, quando eu estava decidida a fazer um trabalho sobre todas as coletâneas de contos de Machado de Assis; o apoio necessário para me encorajar a virar a mesa e assumir um estágio docente; e por ser um leitor compulsório tão cuidadoso. Muito obrigada por sua paciência, seu bom humor e gentileza inestimáveis.

Nas salas de aula e no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), encontrei um ambiente ideal e pessoas preparadas que contribuíram muito com suas leituras generosas do projeto da tese e com a discussão de vários textos. No Exame de Qualificação, recebi comentários e sugestões dos professores Robert Slenes e Leonardo Pereira. Agradeço, ainda, ao professor Jefferson Cano pelo interesse estimulante sobre a minha pesquisa e por suas sugestões de títulos. Finalmente a Banca de Defesa, formada pelos professores Pedro Meira Monteiro, Hélio de Seixas Guimarães, Leonardo Pereira e Jefferson Cano, ofereceu algumas dicas fundamentais que orientaram as modificações para a transformação da tese em livro.

Boa parte da leitura bibliográfica e de vários periódicos usados para a elaboração da tese foi discutida com meus queridos e primeiros alunos. Agradeço a paciência e atenção daqueles que frequentaram as aulas do curso “História da Leitura e do Livro”, no segundo semestre de 2006, no IFCH–Unicamp, e do minicurso “História e Imprensa”, no Encontro Regional da ANPUH–MG, na FAFICH–UFMG, em julho de 2008. Essa experiência foi essencial para minha própria compreensão de vários detalhes que antes passariam despercebidos.

Enquanto pesquisava e depois redigia a tese, participei de alguns congressos e encontrei várias portas abertas. Sou grata a todos aqueles que comentaram os vários textos apresentados nesses encontros. Agradeço também a hospedagem e o carinho com que fui recebida por Juliana, no Rio de Janeiro; Uliana, em Brasília; Silvana, em São Paulo; Lericé e Paulo, em Campinas. Preciso ressaltar o passeio memorável proporcionado pela Juliana, responsável por me apresentar à cidade de Machado de Assis.

Em Campinas contei com a amizade e a generosidade de várias pessoas. A Flávia e a Luciana ouviram minhas histórias no horário de almoço, enquanto eu fazia a pesquisa no arquivo, e continuam sendo boas amigas, tanto para pedir socorro como para os momentos mais descontraídos. Silvana e Lericé são duas companheiras de trabalho e grandes amigas. A Silvana ajudou-me a conhecer novos horizontes e sempre esteve ao meu lado. A Lericé ouviu as questões que mais me afligiram no período da redação, tanto aquelas teóricas como as da vida prática. Em Belo Horizonte, continuei compartilhando da amizade da Joanna, responsável pelos momentos de distração nos raros, mas fundamentais, períodos longe do computador e da universidade. Mesmo de longe, muito longe, a Isadora continuou sendo uma amiga disponível para me socorrer em algumas questões “técnicas”.

Os “meninos lá de casa” fizeram toda a diferença para manter a minha sanidade e meu bom humor. O Fernando, com seu largo conhecimento bibliográfico, não me deixou esquecer nenhuma referência importante. O Paulo é o professor de matemática mais interessado pelos meandros da História e o contador das histórias

mais divertidas. O Junior acompanhou quase todo o processo que originou a tese, dividiu comigo seu computador (o que não é pouca coisa!), e qualquer tentativa de agradecê-lo talvez seja insuficiente.

À minha grande família devo tudo. Vocês são o meu porto seguro e a certeza de que tudo vale a pena. Nossos almoços de domingo transformaram a fase da escrita e trouxeram-me a inspiração necessária, além do ambiente ideal, para colocar o ponto final neste livro.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	17
ADVERTÊNCIA	23
<i>I – PAPÉIS AVULSOS</i>	
1 ILUSÕES PERDIDAS	41
2 EMPRESAS JORNALÍSTICAS	67
3 CONTOS AVULSOS.....	87
4 AS "PESSOAS" DA MESMA FAMÍLIA	117
5 JORNALISMO POLÍTICO	149
<i>II – HISTÓRIAS SEM DATA</i>	
6 PASSAR O TEMPO E VIRAR OBRAS-PRIMAS	175
7 CONTOS SEM DATA.....	193
8 AS SENHORAS DO LAR DAS HISTÓRIAS SEM DATA	225
9 AS SENHORAS SEM SENHORES DAS HISTÓRIAS SEM DATA	245
10 DUAS COLETÂNEAS E UM SÓ TEMA.....	263
ANEXO – CONTOS PUBLICADOS POR MACHADO DE ASSIS ENTRE 1875 E 1884 ...	283

FONTES 291

BIBLIOGRAFIA 295

PREFÁCIO

Que a literatura brasileira do século XIX acontecia na imprensa é coisa bem sabida. Se pensarmos apenas em Machado de Assis, caso típico nesse aspecto, a maior parte de seus romances apareceu originalmente em folhetim de periódico, seus volumes de contos são coletâneas de textos antes publicados em jornais e revistas. Por conseguinte, era uma literatura à qual não faltavam leitores. A *Gazeta de Notícias*, no período em que Machado começou a colecionar ali contos com o objetivo expresso de reuni-los em volume, como revelou depois ao amigo e correspondente Joaquim Nabuco, tinha tiragem de 21 mil exemplares em dias de semana, 26 mil aos domingos, números que correspondem a algo entre 5 e 10% da população total da Corte no início da década de 1880. Ler essas histórias nos veículos originais é observar a interlocução delas com as colunas em seu entorno e periódicos adjacentes, perceber a densidade das alusões às questões de seu tempo — querelas literárias, ideologias cientificistas e casamenteiras, emancipação do sexo feminino, reforma eleitoral. Não obstante o interesse intrínseco desse passo inicial, o foco de Daniela Silveira é o processo de organização das coletâneas, logo o trabalho de Machado para dar coerência temática ao volume sem prejuízo da diversidade dos tipos de narrativa, o esforço para aparar o estilo, quiçá para tornar o texto livre de tiques mais pertinentes ao seu espaço inicial de impressão.

Pesquisas desse tipo estão destinadas a surpreender, às vezes pela mera fruição de descobertas empíricas diversas. O imperativo do Machado enigmático, tão presente na crítica nossa contemporânea, torna-se incerto diante de uma penca de colunas que permitem imaginar, às vezes documentar, jeitos de ver as cousas bastante compartilhados pelo literato e seus coetâneos, literatos e jornalistas

como ele, leitores. Quase espanta a percuciência crítica do comentário, anônimo, publicado na própria *Gazeta de Notícias* em 27 de outubro de 1882, quando *Papéis avulsos* acabava de vir a lume: “Qual o sentido do volume de Machado de Assis não é difícil descobrir, depois de lê-lo com atenção: é todo insistir no antagonismo entre o objetivo e o subjetivo, entre a realidade e a aparência”. Desfiar essa fórmula sintética permite dizer muito sobre o volume. Está aí a querela literária do momento, com Machado de Assis irônico, às vezes sarcástico, em relação à voga do naturalismo, ao qual atribuía pretensões científicas descabidas e pedantes, mera “terminologia apanhada pela rama”. A ciência que escorria pelas páginas dos periódicos do tempo não referenciava a realidade, mas a distorcia, reconstruía, inventava, segundo preconceitos sociais diversos e mal disfarçados intuítos de domínio e exclusão.

Nunca cansa ver a graça com que tal amaríssima mensagem organizava as páginas de Machado, povoadas por galeria impagável de “cientistas” e correlatos, Simão Bacamarte, Diogo Meireles (“ouro da verdade e sol do pensamento”), Jeremias Halma (“médico e holandês”, que “sabia toda a química do tempo, e mais alguma”), Pítias e Stroibus (“Os elementos constitutivos do ratoneiro estão no sangue do rato, os do paciente no boi, os do arrojado na águia...”), Jacobina... Este último nem era cientista, mas “capitalista”, ainda que autor de “uma nova teoria da alma humana”. Reveladora a sua atitude de não discutir nunca, sob a alegação darwinista gaiata de que “a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial”. Jacobina expôs a sua teoria e deixou o recinto, ditou a ciência, por assim dizer, personagem lavrada no mote das falas que se estruturavam para reduzir os outros ao silêncio, fosse pela força ou pela sedução do estilo e do apelo à autoridade. Machado de Assis percebia a desconexão entre “o objetivo e o subjetivo”, “a realidade e a aparência”, tanto nas pretensões de muito da ciência da época, apropriada para justificar políticas de exclusão social e política, quanto na literatura naturalista, que apanhava a ciência “pela rama”, reforçando processos em curso de reinvenção de ideologias de sustentação do poder, de reprodução de injustiças.

Daniela Silveira oferece páginas luminosas sobre a elaboração de *Histórias sem data*, coletânea de 1884, seguinte a *Papéis avulsos*. Argumenta pela acentuada continuidade temática entre os dois livros, todavia o enfoque prioritário do segundo repousaria nas repercussões das teorias higienistas sobre a instituição do casamento e em concepções a respeito da educação feminina. Novidade mesmo foi a tentativa sistemática de Machado de encontrar modos de narrar a crítica e o antagonismo das mulheres aos discursos científicos e morais produzidos sobre elas. Isto sem jamais fazer das moças e senhoras da época as narradoras das histórias dele. Parece que nosso autor ficara ladino em tais assuntos desde meados da década de 1860, pois então dera a pena a uma “viúva moça” para que confessasse, meses a fio, num periódico intitulado *Jornal das Famílias*, o histórico de seus desejos sexuais por um varão que a cortejara quando o marido ainda vivia. As repercussões da ousadia deixaram sequelas, ensinaram a abordar esses assuntos em meio a gracejos diversos que pareciam reforçar o imaginário da dominação masculina mesmo que o intuito do texto fosse expô-lo ao ridículo. Assim, *Histórias sem data* começa com um diabo convencional, para mulherengo senhorial nenhum botar defeito, pois a “única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias”.

No conjunto dos contos, porém, o tal leitor senhorial poderia experimentar certo desconcerto ao ver tantas mulheres casadas ou comprometidas sonhando com, ou praticando, o amor ao próximo. Daniela se esmera no oferecimento de material correlato, apanhado em periódicos diversos, para tornar plausíveis as suas interpretações sobre o mote machadiano da antinomia feminina. Faz até mesmo um breve inventário dessas possibilidades. Comparciam autoras para argumentar que as mulheres lidavam melhor com seus senhores/maridos quando governavam a casa deixando que pensassem que eles próprios o faziam. Na *Gazeta de Notícias*, 9 de novembro de 1883, há texto anônimo, em narrativa escrita de ponto de vista feminino, que diz assim: “Não será mais sensato limitar o domínio da nossa autoridade ao espaço concedido pelo companheiro da nossa vida? E tornar ao mesmo tempo o terreno

tão fértil e tão agradável, que por si próprio ele se mostre disposto a aumentá-lo?”. A tônica da primeira interrogação é ameaçadoramente conformista, pois que alude a disputas por “domínio” e “autoridade”, antecipando a guinada do enunciado seguinte, que descobre o intuito de propor estratégia para a ocupação de territórios. Guerra dos sexos, enfim? Sabe-se lá, mas não se está muito longe disso nas escaramuças do tão apreciado “Capítulo dos chapéus”. O conto inicia com o advogado Conrado Seabra a humilhar a mulher, Mariana, por ela haver sugerido que ele trocasse de chapéu. Científico, retórico, bem-pensante, o guapo cita Laplace e Darwin para provar o princípio metafísico que lhe impedia de atender ao pedido da esposa, concluindo assim a chacota: “pode ser até que nem mesmo o chapéu seja complemento do homem, mas o homem do chapéu”. Mariana se calou, “dentro de si, chorava de vergonha”. O que se segue, todavia, é a transcrição de uma contraideologia à dominação masculina, espécie de dar a ver o que em geral permanecia interdito em situações cotidianas nas quais as mulheres não podiam enfrentar diretamente seus senhores e algozes. O silêncio feminino se rompe em forma de diálogo, Sofia a ensinar a Mariana como resistir ao marido, como dominá-lo sem que percebesse, ambas a bater pernas pela Rua do Ouvidor e adjacências, a fazer trejeitos e se deixar olhar, a cobiçar cavalheiros outros que não os seus. Sofia explicava que “vivia muito bem com o meu Ricardo; temos muita harmonia. Não lhe peço uma cousa que ele me não faça logo; mesmo quando não tem vontade nenhuma, basta que eu feche a cara, obedece logo”; instava à amiga que “era tempo de libertar-se”, “subtrair-se à tirania”. Mariana, por sua vez, “ia cantando dentro do coração a marselhesa do matrimônio”.

Outro tópico machadiano a desconfortar almas viripotentes era o de mulheres sem senhores, aparentemente hostis ou indiferentes a eles. Antes, nova olhada ao redor de Machado. Por exemplo, um periódico de mulheres bem-pensantes, *O Sexo Feminino*, 25 de outubro de 1873, clamava contra a “onipotência dos homens”, aproximava casamento e escravidão. Havia uma lista de lemas, bandeiras de luta: “Queremos a nossa emancipação — a regeneração dos costumes”; “Queremos reaver nossos direitos perdidos”;